



## A RELAÇÃO ENTRE MOTIVAÇÃO PARA APRENDER E INTENÇÃO EMPREENDEDORA EM ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

THE RELATIONSHIP BETWEEN MOTIVATION TO LEARN AND ENTREPRENEURIAL INTENTION IN STUDENTS OF TECHNICAL COURSES IN ADMINISTRATION AND ACCOUNTING

Recebido em 16.06.2020 Aprovado em 27.07.2020

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v8i2.43106>

**Lizana Ilha da Silva**

[lizanailha@hotmail.com](mailto:lizanailha@hotmail.com)

Colégio Politécnico/Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria/RS, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0448-9769>

**Cristiane Krüger**

[cristiane.kruger@ufsm.com](mailto:cristiane.kruger@ufsm.com)

Departamento de Ciências Contábeis/Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria/RS, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2271-6432>

**Fabiola Kaczam**

[kaczamf@gmail.com](mailto:kaczamf@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Administração/Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria/RS, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0460-9927>

### Resumo

Este estudo analisa a relação entre motivação para aprender e intenção empreendedora de estudantes de Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM. A obtenção dos dados referente a intenção empreendedora envolveu a aplicação do Questionário de Intenção Empreendedora. A mensuração da motivação para aprender contemplou assertivas quanto à disposição dos alunos de participar e aprender o material do curso. Principais resultados: os alunos estão motivados a aprender; o constructo de normas subjetivas demonstra a influência do ambiente social sobre o comportamento do indivíduo; e, não houve correlação significativa entre motivação para aprender e intenção empreendedora.

**Palavras-chave:** Motivação para aprender. Intenção empreendedora. Cursos técnicos.

### Abstract

This study analyzes the relationship between the motivation to learn and the entrepreneurial intention of the Technical Courses in Administration and Accounting at the Polytechnic College of UFSM. Obtaining data regarding entrepreneurial intention involved the application of the Entrepreneurial Intention Questionnaire. The measuring of motivation to learn involved statements that address students' willingness to participate and learn the course material. Main results: students are motivated to learn; the construct of subjective norms demonstrates the influence of the social environment on the individual's behavior and, there was no significant correlation between motivation to learn and entrepreneurial intention.

**Keywords:** Motivation to learn. Entrepreneurial intention. Technical courses.

## Introdução

Vive-se em um mundo globalizado, em que o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, dita padrões de capacitação e qualificação. Brandão (2017) afirma que a definição de capacitação pressupõe que aquele indivíduo considerado capacitado não é apenas capaz de realizar uma atividade, o indivíduo capacitado é aquele que possui habilitação ou reconhecimento de que é apto a exercer determinada função ou profissão. Em 2016, em uma reportagem em alusão ao dia do profissional de nível técnico, o Ministério da Educação (MEC) ressaltou a importância da figura destes profissionais à sociedade e destacou que a formação técnica além de ser importante à sociedade significa a oportunidade de especialização e emprego para milhões de pessoas que procuram uma formação. Neste mesmo material, a professora doutora Cassandra Ribeiro Joye, assessora especial do Núcleo Estruturante da Política de Inovação (NEPI) da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do MEC, afirma que, a formação de profissionais técnicos é essencial para o desenvolvimento do Brasil (MEC, 2016).

Nesse sentido, Juliatto (2005) elucida que após a conclusão do ensino médio, pode-se considerar toda educação como sendo profissional, assim sendo, tanto o ensino técnico e tecnológico quanto os demais cursos de graduação devem ser considerados como cursos de educação profissional, observando suas especificações e diferenças quanto ao nível de exigência e carga horária. O autor ressalta que, é necessário que se desenvolva o espírito empreendedor nos alunos de cursos de formação profissional, como forma de incentivar a possibilidade de criação de novos negócios pelos alunos egressos dessas formações (JULIATTO, 2005).

No que diz respeito aos atuantes em potencial da área de gestão, Drucker (2010) salienta a importância em saber: a) estabelecer objetivos, tendo em vista o equilíbrio entre as necessidades atuais e futuras, resultados esperados e recursos disponíveis; b) organizar, dividindo as tarefas, montando equipes e alocando os recursos; c) motivar e comunicar, de maneira a promover a integração da equipe e os demais níveis e setores da organização; d) mensurar o desempenho a partir de parâmetros pré-estabelecidos; e e) desenvolver pessoas, o que inclui o autodesenvolvimento.

Diante disso, o ensino do empreendedorismo pode ser considerado um diferencial na educação desses futuros profissionais, à medida em que fortalece a capacidade de superar desafios (SANTOS et al., 2017). A pedagogia empreendedora busca, por meio deste ensino, formar agentes capazes de modificar os caminhos incertos que permitem ampliar fronteiras (VIANA et al., 2017). Despertar o espírito empreendedor, oportuniza aos estudantes uma visão objetiva do mundo dos negócios, que estimula o desenvolvimento pessoal e cria condições para que estes se tornem éticos e responsáveis, facilitando assim o ingresso no mercado de trabalho (VIANA et al., 2017).

Santos et al. (2011) destacam que, as instituições de ensino estão cada vez mais relacionadas ao primeiro passo para o sucesso profissional, tendo em vista que proporcionam “uma nova visão global da adequação à profissão o contato com novos valores e crenças, questionamentos e experiências acadêmicas e sociais que proporcionam aos estudantes, principalmente aos mais jovens, amadurecimento pessoal” (SANTOS et al., 2011, p. 289).

Ao vislumbrar uma alteração na forma de disseminação do conhecimento nas instituições de ensino, no intuito de impulsionar o discente na formação do seu perfil profissional, é preciso verificar o grau de motivação destes para a busca desta formação. Castro (2012) revela que a valorização do conhecimento adquirido na graduação ou no ensino técnico e a solidificação do referencial teórico acabam por melhorar a qualidade da aprendizagem, bem como a motivação para aprender. A autora reforça que se faz necessário que o discente adquira uma postura ativa, que desenvolva competências e, principalmente, fomente o seu pensamento de modo elaborado e crítico (CASTRO, 2012).

Ainda, segundo Gopalan et al. (2017), a motivação em aprender pode ser tida como crucial para se ter sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Os alunos com níveis mais altos de motivação para aprender tendem a ser mais eficazes na aquisição de conhecimento (THO, 2017). Além disso, a motivação para aprender influencia os processos de tomada de decisão em relação à direção e foco (COLE; HARRIS; FEILD, 2004), podendo ser necessária aos aspectos comportamentais. Diante das premissas apresentadas, questiona-se: qual a relação existente

entre a motivação para aprender e a intenção empreendedora de alunos dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM?

Na busca por responder o questionamento levantado, tem-se como principal objetivo a análise da relação entre a motivação para aprender e a intenção empreendedora dos estudantes dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM. De modo complementar busca-se: i. identificar o perfil dos alunos pesquisados; ii. avaliar a motivação para aprendizagem desses alunos, de acordo com o instrumento proposto por Tho (2017); iii. mensurar a intenção empreendedora dos alunos, com base no instrumento proposto por Liñán e Chen (2009); e iv. relacionar os constructos de motivação em aprender e intenção empreendedora dos alunos pesquisados, por meio de correlação.

Considerando que a educação para o empreendedorismo influencia a intenção empreendedora de maneira positiva, este estudo é motivado pela necessidade de esclarecer quais elementos desempenham o papel mais influente na definição da decisão pessoal de iniciar um empreendimento, isso permitiria o desenho de iniciativas educacionais mais eficazes (LIÑÁN; RODRÍGUEZ-COHARD; RUEDA-CANTUCHE, 2011), tendo em vista a relevância do empreendedorismo no auxílio ao desenvolvimento econômico de uma região ou país.

Este estudo também se justifica pela oportunidade de compreender as relações existentes entre o comportamento empreendedor (intenção empreendedora) e os aspectos motivacionais (motivação para aprender) que podem influenciar na intenção de empreender dos alunos dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade, futuros profissionais que ingressarão no mercado de trabalho.

Diante disso, nesta pesquisa priorizou-se estudantes dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade, tendo em vista a necessidade conhecer o perfil dos alunos que ingressam nos respectivos cursos. A formação técnica por regra, busca um aprendizado mais prático que, na maioria das vezes foca na formação do profissional para que se insira de maneira rápida no mercado de trabalho sendo que os alunos que buscam esta formação normalmente já estão inseridos no mercado de trabalho e querem apenas complementar seus conhecimentos de maneira formal (SILVA, 2010).

As contribuições desta pesquisa podem refletir em alunos, professores e sociedade de maneira geral. A partir das evidências encontradas, os alunos podem compreender e desenvolver um comportamento em prol do empreendedorismo, e também, para clarear as perspectivas dos estudantes em relação ao mercado de trabalho. Por sua vez, os professores podem compreender a motivação para aprender, fator que afeta a aquisição de conhecimentos pelos alunos, construindo um ensino voltado ao desenvolvimento de um comportamento mais empreendedor.

## Comportamento empreendedor

Ao buscar entender o que é o comportamento empreendedor encontram-se inúmeros estudos relacionando o comportamento à personalidade do empreendedor, sendo esta relação fundamentada na crença de que o sucesso do novo empreendimento dependerá principalmente do comportamento deste (BRANCHER et al., 2012). Seguindo a essência dessa fundamentação, Friedlaender (2004) destaca que, os comportamentalistas analisam os empreendedores a partir do que eles fazem.

Para Brancher et al. (2012) algumas características e aptidões comportamentais desses indivíduos têm sido objeto de importantes pesquisas. Para que se possa identificar e compreender este tipo de comportamento de sucesso, dentre inúmeras pesquisas, o autor destaca o trabalho realizado por David McClelland, em 1961. Segundo o estudo de McClelland (1961), as pessoas são motivadas por três tipos de necessidades: realização, afiliação e poder, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Necessidades básicas para motivação

<b>Necessidade</b>	<b>Definição</b>
<b>Necessidade de realização</b>	Estimula a pessoa a colocar à prova seus limites, a realizar um bom trabalho. Pessoas com alta necessidade de realização procuram mudanças em suas vidas, estabelecem metas e colocam-se em situações competitivas, estipulando para si metas realistas e realizáveis. Segundo o referido estudo, a necessidade de realização é a primeira necessidade identificada entre os empreendedores bem-sucedidos e, é a grande impulsionadora das pessoas na construção de um empreendimento.
<b>Necessidade de afiliação</b>	Existe quando há alguma evidência sobre a preocupação em estabelecer, manter ou restabelecer relações emocionais positivas com outras pessoas.
<b>Necessidade de poder</b>	É caracterizada, principalmente, pela forte preocupação em exercer poder sobre os outros.

Fonte: Adaptado de Brancher et al. (2012).

Diante do Quadro 1, Lorentz (2015) complementa que, quanto aos resultados encontrados por McClelland, o indivíduo que apresenta comportamento empreendedor irá manifestar uma série de características possíveis de identificá-lo, sendo possível caracterizá-lo de acordo com o conjunto de habilidades que mais se aproximam da sua forma de ser.

O comportamento empreendedor é definido por Schaefer (2018) de duas maneiras: a geral e a específica. A primeira pode ser considerada a maneira com que as pessoas reagem perante os estímulos e em relação ao seu entorno. Já, na específica o comportamento empreendedor pode ser descrito por características particulares que algumas pessoas apresentam frente às oportunidades, as quais evidenciam-se no modo de perceber, pensar e agir de forma empreendedora (SCHAEFER, 2018).

Nesse sentido, segundo Hisrich et al. (2009), deve-se entender a ação empreendedora com sendo algo intencional, na qual os indivíduos empreendedores vão em busca de oportunidades e realizam novas ações por meio de um processo que ocorre de forma intencional. Deste modo, acredita-se que os comportamentos são influenciados por fatores motivadores de intenção de realizar alguma coisa. De maneira geral, quanto mais empreendedora foi a intenção de se dedicar em um determinado comportamento, maior será a possibilidade de praticá-lo (HISRICH et al., 2009).

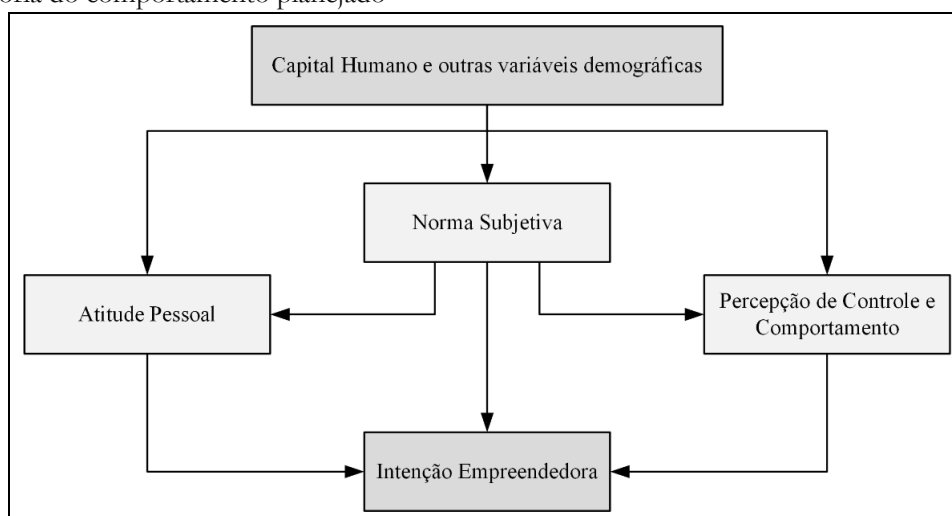
Cabe destacar que empreender é um processo essencialmente humano (SCHAEFER, 2018). Esse mesmo autor chama atenção para o fato de que o empreendedorismo tem sido investigado e descrito não mais como uma forma de saber, mas, sim como uma forma de ser, na qual o indivíduo empreendedor é visto como um sujeito que possui uma mentalidade que se manifesta em um comportamento ou ação empreendedora. Nesse sentido, por conseguinte apresenta-se a temática referente a intenção em empreender.

## **Intenção empreendedora**

A intenção empreendedora foi definida por Thompson (2009, p. 667) como sendo uma “convicção auto reconhecida por uma pessoa de que pretendem criar um novo empreendimento e conscientemente planejam fazê-lo em algum momento no futuro”. O autor destaca, que a base para investigação da criação de novos negócios é a intenção empreendedora dos indivíduos (THOMPSON, 2009). Souza (2015) constatou que a bibliografia tem evidenciado uma série de modelos capazes de explicar a relação entre as características pessoais do indivíduo e suas intenções empreendedoras, na qual a maioria deles utilizam como base a Teoria do Comportamento Planejado – TCP (AJZEN, 1991).

Esta teoria indica o esforço que a pessoa vai fazer para realizar um determinado comportamento, como o empreendedor (BIRCHLER; TEIXEIRA, 2017). O modelo TCP compreende três variáveis independentes, apresentadas na Figura 1, que precedem a formação da intenção e que, por sua vez, podem prever o comportamento empreendedor.

Figura 1 – Teoria do comportamento planejado



Fonte: adaptado de Liñán e Chen (2009).

A partir da Figura 1 verifica-se que a primeira variável se refere a atitude face ao comportamento, ou seja, permite determinar o momento favorável para um determinado comportamento. A segunda corresponde às normas subjetivas, quer dizer a própria percepção que um indivíduo tem sobre a comunidade que o rodeia, determinando o seu comportamento (Figura 1). Já, a terceira variável reflete o grau de percepção de controle individual, levando o indivíduo a ter também um determinado comportamento.

Dessa forma, tem-se que a formação de intenção empreendedora (IE) para realizar um comportamento é determinada por três variáveis independentes: a atitude pessoal (AP), as normas subjetivas (NS), e o controle comportamental percebido (CP), em que a relação entre esses três elementos e a intenção crescem proporcionalmente, e que por sua vez, preveem o comportamento (AJZEIN, 1991).

Segundo Silva et al. (2019), a intenção empreendedora pode contemplar aqueles que não possuem nenhum entendimento ou experiência do que é ser um empreendedor até aqueles que já abriram seu empreendimento, aqueles que já pesquisaram, buscaram mais informações sobre o tipo de empreendimento que os satisfazia, aqueles que já fizeram todo planejamento estratégico e projetos do seu novo negócio, que irão iniciar a carreira empreendedora em pouco tempo. Assim, mesmo os indivíduos que não possuem algum tipo de entendimento sobre o assunto têm a possibilidade de algum dia iniciar um empreendimento (THOMPSON, 2009).

Neste sentido, Krüger (2019) evidencia que uma das maneiras de se desenvolver o comportamento empreendedor e a intenção empreendedora é por meio de uma educação norteada para o empreendedorismo. Sendo que, para aprender a empreender é necessário um comportamento proativo por parte do indivíduo (GHILARDI, 2011).

Antecedentes pessoais, culturais, educacionais e a independência financeira são fatores que podem favorecer a formação de empreendedores. De acordo com Araujo e Davel (2018), a intencionalidade para empreender é estimulada pela educação empreendedora. Contudo, o bom desempenho da educação empreendedora implica em indivíduos inseridos em um ambiente social e cultural favorável a prática do empreendedorismo.

Após a abordagem realizada sobre comportamento e intenção empreendedora, contempla-se a seguir a educação técnica, uma vez que o foco da realização da pesquisa são os estudantes desta área.

## Educação Técnica

O marco inicial da educação profissional no Brasil é 1909, por meio do Decreto Federal n. 7.566/1909, a partir da qual foram criadas as Escolas de Aprendizes e Artífices, subordinadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, consideradas as primeiras instituições públicas de formação profissional no país. Gomes (2013) afirma que a criação dessas escolas profissionais foi o primeiro passo para que se formalizasse o ensino profissional. Em

1971 a Lei Federal n. 5.692, conhecida como LDB, marcou a história da educação profissional no Brasil por generalizar a profissionalização no segundo grau. Assim pode se observar que a educação profissional deixou de ser limitada às instituições especializadas, ficando distribuída sobre os sistemas de ensino público estadual e municipal (JULIATTO, 2005).

Após a educação profissionalizante passar por inúmeras mudanças, foi com o advento da Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a atual LDB que, segundo Juliatto (2005), a identidade do ensino médio como uma etapa de consolidação da educação básica, de aprimoramento do educando como pessoa humana, de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental para continuar aprendendo e de preparação básica para o trabalho e a cidadania foi configurada. A LDB dispõe que “a educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (BRASIL – Parecer n. 16, 1999).

A Lei n. 9.394/96, em seu artigo 21, define que a educação escolar é composta pelos seguintes níveis: “I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior” (BRASIL, 1996). Algumas alterações trazidas pela Lei n. 11.741 de 2008 adicionaram a Lei 9.394/96 a seção IV-A intitulada Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, o artigo 36 B define quais são as formas que a educação profissional técnica de nível médio poderá ser desenvolvida, quais sejam, articuladas com o ensino médio ou subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio (BRASIL, 2008).

No que diz respeito ao Curso Técnico em Administração, o objetivo é gerar mão de obra qualificada, a qual pode estimular novas frentes de trabalho, a melhoria na qualidade dos serviços prestados, sistematização na resolução dos problemas locais e elevação do potencial de empregabilidade, de maneira a alavancar o comércio e a indústria regional, bem como contribuir para a formação cidadã dos educandos (SILVA et al., 2020).

Enquanto para o perfil do contabilista, o mercado exige profissionais capazes de extrair as melhores informações, para auxiliar os empresários de forma correta a respeito das condições da organização (variáveis internas ou externas), por meio de técnicas e conceitos contábeis (AQUINO et al., 2019). Com base nessas premissas, adiante aprofunda-se o entendimento sobre a motivação para aprender.

## **Motivação para aprender**

Ao buscar uma definição para motivação no contexto do aprendizado, destaca-se o conceito apresentado por Barak, Watted e Haick (2016), como sendo uma fonte interna que melhora, mantém ou medeia o desenvolvimento cognitivo. Slavin (1987) conceitua a motivação para aprender como sendo a integração de componentes cognitivos e afetivos que irão resultar em um comportamento intencional. Robbins (2005, p. 132) por sua vez, a conceitua como “o processo responsável pela intensidade, direção e persistência dos esforços de uma pessoa para o alcance de uma determinada meta, [...] de maneira geral, se relaciona ao esforço para atingir qualquer objetivo”.

Para Robbins (2005), estes são os três elementos-chave, em que a intensidade se refere ao grau de esforço despendido pela pessoa, no entanto a intensidade não é capaz de levar a resultados favoráveis sem que seja conduzida a uma direção que a beneficie. Neste sentido é importante considerar a qualidade do esforço tanto quanto a sua intensidade. Já, a motivação possui uma dimensão de persistência, em que, as pessoas motivadas mantêm-se na realização da tarefa até que atinjam seus objetivos (ROBBINS, 2005).

Existem vários componentes motivacionais que influenciam o aprendizado, dentre eles está a motivação intrínseca a qual envolve uma gratificação inerente, estimulada pelo sentimento de que o aprendizado é interessante e agradável, e a motivação extrínseca, que por outro lado, envolve incentivos externos para o aprendizado, como obter uma recompensa ou evitar punições (BARAK; WATTED; HAICK, 2016). Isso mostra que estes aspectos podem ser considerados quando da avaliação da motivação para aprender.

A motivação e o processo de aprendizagem têm uma profunda conexão, sendo a motivação, o núcleo das aspirações do ser humano e das realizações (GOPALAN et al., 2017). Assim, a motivação é crucial para se ter sucesso em questões educacionais e sem o espírito de luta nada é possível, não apenas na educação, mas também



na vida real (GOPALAN et al., 2017). A motivação para aprender influencia os processos de tomada de decisão em relação à direção, foco e nível de esforço aplicado a uma atividade de aprendizagem (COLE; HARRIS; FEILD, 2004).

Há diferentes teorias sobre motivação para aprender, mas atualmente as teorias cognitivas da motivação para a aprendizagem dão preferência ao estudo das crenças, valores e emoções do sujeito, por considerarem que essas desempenham um efeito mediador no comportamento e mostram-se como uma forte influência no processo motivacional (LOURENÇO; PAIVA, 2010).

Diante do arcabouço teórico e bibliográfico apresentado, na sequência são detalhados os procedimentos metodológicos.

## **Procedimentos metodológicos**

Nessa seção é descrita a tipologia desta pesquisa quanto à abordagem do problema, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos técnicos. Quanto à forma de abordagem esta pesquisa é classificada como quantitativa, que segundo Lakatos e Marconi (2017), é a mais apropriada para apurar comportamentos e responsabilidades dos indivíduos entrevistados de uma determinada população. Este tipo de pesquisa tem o objetivo de verificar estatisticamente uma relação a partir da coleta e análise de dados concretos e quantificáveis.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como descritiva, pois segundo Gil (2017) este tipo de pesquisa busca descrever as características de determinada população ou estabelecer relações entre as suas variáveis. Como é o caso desta pesquisa, que busca descrever a relação entre a motivação para aprender e a intenção empreendedora dos alunos dos Cursos Técnicos de Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos adotados esta pesquisa é classificada como pesquisa de levantamento que, segundo Gil (2017), caracteriza-se pelo questionamento direto das pessoas cujo comportamento deseja-se conhecer, na qual solicita-se informações a um grupo de pessoas acerca do problema estudado para que, na sequência, mediante análise quantitativa, obtenha-se as conclusões relativas aos dados coletados.

## **Unidade e sujeitos da pesquisa**

O Colégio Politécnico é uma Unidade de Educação Básica, Técnica e Tecnológica da UFSM, prevista no Estatuto Geral da instituição, e vinculada à Coordenadoria de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (CEBTI). Tem por finalidade promover e ministrar a Educação Básica, a Formação Inicial e Continuada, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e a Educação Profissional Tecnológica.

Foi fundado por meio do Decreto Lei Federal n. 3864 – A, de 24 de janeiro de 1961, com a denominação de Escola Agrotécnica de Santa Maria. Em 25 de janeiro de 1968, com o Decreto Lei n. 62.178, foi transferido para a UFSM com a designação de Colégio Agrícola de Santa Maria. Em função da diversificação e da ampliação dos cursos, em 22 de fevereiro de 2006, passou a se denominar Colégio Politécnico da UFSM (Resolução n. 01/06).

A história do Colégio foi sendo construída no âmbito da formação de profissionais para o setor primário da economia. Nos últimos anos, diversificou seu campo de atuação, oferecendo alternativas variadas de Educação Profissional no intuito de formar profissionais para atender às expectativas da comunidade e às necessidades do mercado de trabalho em constante transformação. Atualmente, o Colégio oferece cursos nos seguintes eixos tecnológicos: gestão e negócios; recursos naturais; produção alimentícia; ambiente e saúde; infraestrutura; informação e comunicação e produção cultural e design.

A presente pesquisa abarcou o eixo tecnológico de gestão e negócios, especificamente o estudo contemplou alunos dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade, cursos pós médio presenciais com turno de funcionamento noturno.

## Coleta dos dados

Na obtenção dos dados, para atingir ao objetivo proposto, utilizou-se de um questionário composto por cinco blocos de assertivas, a saber: Motivação para Aprender, Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora. Para mensurar a motivação para aprender utilizou-se do constructo de Tho (2017), sendo composto por 5 afirmações. Para a intenção empreendedora, contemplou-se o Questionário de Intenção Empreendedora (QIE) (LIÑÁN; CHEN, 2009), previamente validado no Brasil (HECKE, 2011). O QIE foi desenvolvido para medir intenções e as demais variáveis que a influenciam, baseado na literatura teórica e empírica existente sobre a aplicação da TCP ao empreendedorismo (LIÑÁN; CHEN, 2009).

Para mensurar a motivação para o aprendizado utilizou-se de cinco assertivas, as quais abordam a disposição dos alunos de participar e aprender o material do curso (THO, 2017). Já, o QIE é composto por quatro blocos de perguntas totalizando 22 assertivas, distribuídas em: Atitudes Pessoais, Normas Subjetivas, Percepção de Controle de Comportamento e Intenção Empreendedora.

No primeiro bloco do QIE constam as assertivas de um a cinco, abordando as atitudes pessoais. No segundo, têm-se as normas subjetivas. Adiante, o terceiro bloco é composto por seis itens, e, refere-se à percepção de controle de comportamento. Portanto, os três primeiros blocos de questões do QIE focam nas atitudes comportamentais dos estudantes, a respeito da percepção dos alunos com relação as atitudes pessoais. Enquanto o quarto bloco, refere-se à intenção empreendedora, ou seja, o foco dessas questões é capturar a percepção dos pesquisados quanto a intenção de empreender. O instrumento foi respondido pelos estudantes de acordo com uma Escala Likert de 7 pontos para Motivação para Aprender e de 5 pontos para o QIE, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Escala Likert utilizada nos questionários

Escala Likert							
Motivação para Aprender	1	2	3	4	5	6	7
Intenção Empreendedora	1 Nunca	2 Raras vezes	3 As vezes	4 Frequentemente	5 Sempre		

Fonte: autoras.

Após organizado, o questionário foi testado antes de sua utilização definitiva, ou seja, foi necessário realizar um pré-teste. Para Aaker, Kumar e Day (2001) o pré-teste pode ser realizado aplicando-se alguns exemplares em uma pequena amostra, a fim de testar o questionário em relação a omissões e ambiguidade. Nesse sentido, o instrumento foi submetido à cinco alunos dos cursos técnicos para ser testado. Após a realização do pré-teste os questionários foram aplicados.

A aplicação ocorreu em sala de aula, na primeira quinzena de março de 2020, momento em que os estudantes foram convidados a participar da pesquisa. Por fim, os questionários foram recolhidos, tabulados e analisados.

## Análise dos dados

Após o processo de tabulação e codificação dos dados, realizado em uma planilha eletrônica, realizou-se a conferência dos dados, com o objetivo de verificar possíveis erros de digitação. Para tratamento e análise dos dados coletados realizou-se testes estatísticos, utilizando o software *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS® versão 18, nessa ocasião os dados foram analisados quantitativamente e explorados com base no modelo propostos por Liñán e Chen (2009).

Para cada um dos constructos pesquisados calculou-se os mínimos, máximos, médias e o desvio padrão de cada assertiva. Para o tratamento e análise dos resultados das variáveis representativas da motivação para aprender e da intenção empreendedora, considerou-se uma padronização da escala ordinal em escala de razão de 0 a 100%, os quais são convencionados em três categorias (Baixa, Moderada e Alta presença das características comportamentais, nível comportamental). Logo, a padronização ocorreu da seguinte forma: Alta para a média de



66,67% a 100%, Moderada para a média entre 33,34% a 66,66% e Baixa para a média de 0 a 33,33%, de acordo com a Equação 1 (LOPES, 2016, p. 18):

$$Ep_i = 100 \times \left( \frac{SOMA - MÍNIMO}{MÁXIMO - MÍNIMO} \right), i = 1, 2, \dots, n \quad \text{Equação (1)}$$

Sendo:

$Ep_i$ : Escore padronizado;

$i$ : número de dimensões;

*SOMA*: Somatório das respostas válidas;

*MÍNIMO*: menor soma possível das respostas válidas;

*MÁXIMO*: maior soma possível das respostas válidas.

Em seguida, para estimar a confiabilidade, foi medida a consistência interna por meio do Coeficiente Alfa de Cronbach (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). O valor do Coeficiente Alfa de Cronbach pode variar de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, melhor a confiabilidade, pois, maior será a consistência interna do instrumento ou maior a congruência entre os itens, indicando a homogeneidade da medida do mesmo fenômeno (MATTHIENSEN, 2011). O Alfa de Cronbach é calculado por meio da Equação 2.

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left[ \frac{\sigma_t^2 - \sum_{i=1}^k \sigma_i^2}{\sigma_t^2} \right] \quad \text{Equação (2)}$$

Em que:

$k$ : corresponde ao número de itens do questionário;

$\sigma_i^2$ : corresponde soma das variâncias de cada item;

$\sigma_t^2$ : corresponde a variância total do questionário, determinada como a soma de todas as variâncias.

Com a finalidade de estabelecer a relação entre a motivação para aprendizagem e a intenção empreendedora dos alunos, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson, que de acordo com Collis e Hussey (2005), refere-se a uma técnica paramétrica que indica a medida de força de associação entre duas variáveis.

## Apresentação e análise dos resultados

Esta sessão contempla a análise e discussão dos resultados. Inicialmente caracteriza-se a amostra pesquisada. Em seguida é apresentada a análise descritiva e confiabilidade do questionário aplicado. Por fim, analisou-se a relação entre motivação para aprender e intenção empreendedora.

## Perfil dos alunos

A amostra é composta por 84 respondentes, alunos dos Cursos Técnicos de Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM. A aplicação dos questionários ocorreu no primeiro semestre de 2020, na qual conseguiu-se abranger alunos do primeiro e último semestre da formação técnica. Dos 84 questionários aplicados, 4 tiveram que ser desconsiderados pelo fato de os discentes não terem respondido todas as variáveis de um constructo. Na Tabela 2 apresenta-se o curso, semestre e número de alunos que responderam o questionário.

Tabela 2 – Distribuição dos alunos por curso e semestre

Curso técnico	Semestre	Número de respondentes
Administração	3º	21
Contabilidade	1º	39
	3º	20
<b>Total</b>		<b>80</b>

Fonte: autoras.

Conforme a Tabela 2 verifica-se que a maioria dos respondentes cursava o terceiro semestre dos Cursos de Administração e Contabilidade. Ressalta-se que um limitante da pesquisa é a não aplicação do questionário de pesquisa junto à turma do primeiro semestre do curso Técnico em Administração, em função da suspensão das atividades acadêmicas presenciais ocorrida por motivos da pandemia do COVID-19, que coincidiu com a coleta de dados.

Com relação ao sexo, dentre os respondentes, 51 (63,75%) são do sexo feminino e 29 (36,25%), do sexo masculino. No que se refere à faixa etária, a maioria dos estudantes possui entre 18 e 23 anos (Tabela 3).

Tabela 3 – Faixa etária

Idade	Respondentes	Porcentagem
18 até 23	38	47,50%
24 até 29	29	36,25%
acima de 29	13	16,25%
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100%</b>

Fonte: autoras.

Ainda, questionou-se se o respondente possuía vínculo empregatício, com relação à situação de trabalho, prevalecem os alunos que trabalham 63,75% (51 respondentes). O turno em que os alunos estão matriculados pode ter relação com o vínculo empregatício. Souza (2015) considera que essa questão está ligada ao turno em que os cursos são ofertados e que os cursos que não são diurnos ou em tempo integral permitem que o acadêmico entre mais cedo no mercado de trabalho, seja como estagiário ou empregado. Na presente pesquisa, a maioria dos alunos trabalha pois os cursos são ofertados no período noturno, esse turno permite que os acadêmicos trabalhem durante todo o dia.

## Estatística descritiva e confiabilidade

Os dados obtidos por meio da aplicação do questionário que continham questões referente motivação para aprendizagem (MA) e intenção empreendedora (QIE) foram tabulados e submetidos à estatística descritiva. Quanto as questões referentes a intenção empreendedora foram analisadas cada uma das dimensões previstas no modelo original, quais sejam, Atitudes Pessoais (AP), Normas Subjetivas (NS), Percepção de Controle Comportamental (PC) e Intenção Empreendedora (IE).

Na Tabela 4 consta a estatística descritiva obtida para os constructos pesquisados, em que se calculou mínimo, máximo, média, razão, desvio padrão e variância sobre a motivação em aprender e as dimensões do QIE.

Tabela 4 – Estatística descritiva para os constructos

Co	Itens	Mín/Máx	Média	Razão	Desvio-Padrão	Variância	
<b>MA</b>	5	7/35	26,49	74,97	Alta	5,966	35,595
<b>AP</b>	5	7/25	18,19	71,63	Alta	4,085	16,686
<b>NS</b>	5	7/25	18,60	73,33	Alta	4,388	19,256
<b>PC</b>	6	6/29	15,86	51,24	Moderada	5,091	25,918
<b>IE</b>	6	6/30	17,61	57,28	Moderada	7,031	49,430

N válido (*listwise*) 80.

Legenda: Constructo (Co).

Fonte: autoras.

Ao analisar a Tabela 4 observam-se diferenças entre os valores mínimos e máximos dentre os constructos. Essas variações ocorrem por dois motivos, o primeiro é o fato de utilizarem-se escalas diferentes para o constructo de motivação em aprender e os constructos do QIE, conforme foi apresentado previamente na Tabela 1. O segundo motivo diz respeito à diferença entre o número de itens que compõem cada constructo.

Em relação aos resultados obtidos no item razão, observa-se que motivação em aprender apresentou a maior razão dentre os constructos estudados, pode se inferir ao analisar os dados em conjunto que sempre que se busca conhecer a intenção ou motivação do indivíduo parte-se do pressuposto que sempre teremos alguma intenção ou

motivação relacionada a cada constructo, porém, ela se manifesta em intensidade diferente (baixa, moderada ou alta). Da mesma forma que motivação em aprender apresentou uma razão alta, atitudes pessoais e normas subjetivas também obtiveram esta mesma classificação.

Já, os demais constructos que compõe o QIE, quais sejam, percepção de controle comportamental e intenção empreendedora, apresentaram uma classificação tida como moderada, portanto, considera-se a razão destes constructos de menor grau frente aos demais. Esse resultado vai de encontro ao auferido por Krüger et al. (2019), que ao pesquisar alunos do ensino profissional e tecnológico verificou que os estudantes apresentaram baixa pretensão de empreender.

Por fim, observa-se o desvio padrão e a variância. O desvio padrão é definido como a raiz quadrada positiva da variância de uma variável, ou seja, ele é um pouco mais fácil de interpretar-se do que a variância, pois é medido nas mesmas unidades dos dados (SILVA et al., 2019). Assim, entende-se que o desvio padrão é uma medida que evidencia a uniformidade dos das respostas obtidas em cada um dos constructos. Ao observar a Tabela 4, verifica-se que o menor desvio padrão ocorreu no constructo atitudes pessoais (4,085) o que evidencia que este constructo obteve maior uniformidade nas respostas dadas pelos estudantes. Por conseguinte, o constructo que apresentou maior disparidade entre as respostas foi o de intenção empreendedora (7,031) sendo este o constructo que possui respostas mais distintas, não refletindo em um padrão nas respostas dos estudantes.

Quanto à variância, pode se inferir que esta é uma medida que diz respeito à dispersão, que compara a variabilidade de duas ou mais variáveis em relação a média destas, que será sempre positiva ou nula, considerando-se nula quando não houver variabilidade dos dados, não havendo informação relevante a perceber (BECKER, 2015). Assim como no desvio padrão, o constructo de atitudes pessoais apresentou menor variância e o de intenção empreendedora foi o constructo que apresentou maior variância dentre as respostas obtidas dentre os itens que compõem este constructo.

Diante da diferença de quantidade de itens para os constructos dividiu-se a média total pelo total de itens, para verificar a pontuação individual e assim comparar os totais entre os constructos (Tabela 5).

Tabela 5 – Média final por constructo

Co	Média total	Média total/itens
MA	26,49	5,29
AP	18,19	3,64
NS	18,60	3,72
PC	15,86	2,64
IE	17,61	2,93

Legenda: Constructo (Co).

Fonte: autoras.

A partir da Tabela 5 é possível comparar os constructos do QIE. Salienta-se que para MA a pontuação é maior pois a escala Likert é de sete pontos. Quanto aos constructos do QIE, destaca-se normas subjetivas com uma média total de 18,60 e média por itens de 3,72 que reforça que este constructo possui maior pontuação frente aos demais. Ajzen (1991) elucida o fato deste constructo representar à influência que o ambiente social exerce sobre o comportamento do indivíduo, sendo as normas subjetivas resultado da pressão social sofrida para que se dote um determinado comportamento, traduzida pela percepção do indivíduo sobre qual o comportamento que os outros, cuja opinião ele valoriza, esperam que ele tenha.

Linã e Chen (2009) complementam que este constructo representa a influência do ambiente social no comportamento do indivíduo e que esta influência pode ser considerada o primeiro filtro aos estímulos externos ao empreendedorismo, sendo as normas subjetivas as responsáveis por influenciar a avaliação favorável ou desfavorável realizada pelo indivíduo frente a determinados comportamentos, representado pelas atitudes pessoais que podem influenciar a percepção sobre a facilidade ou dificuldade em realizar determinadas tarefas, representado pelo controle comportamental percebido. Ainda, Hecke (2011) destaca que quanto mais o empreendedorismo é valorizado como opção de carreira, maior a probabilidade de as pessoas perceberem as normas subjetivas favoráveis na influência das intenções empreendedoras.

O segundo constructo que apresentou maior pontuação foi atitude pessoal, 18,19 no total e 3,64 em relação ao total de itens. Este constructo refere-se à impressão que o indivíduo tem sobre ser um empreendedor, o que significa que suas atitudes pessoais são responsáveis pela sua impressão como empreendedor e, estas atitudes são materializadas por meio do seu comportamento (SILVA et al., 2019).

Ajzen e Fishbein (2000) realizaram um estudo que considerou a influência das atitudes pessoais sobre o comportamento, os resultados encontrados foram base para que os autores defendessem o fato de que quanto mais favorável forem às atitudes pessoais e às normas subjetivas com respeito ao comportamento, e, quanto maior for a percepção de controle comportamental, mais forte será a intenção individual para desempenhar o comportamento em questão (AJZEN; FISHBEIN, 2000). Os resultados encontrados por Ajzen e Fishbein (2000) corroboram com os resultados encontrados na presente pesquisa, na qual temos os constructos de atitude pessoal e normas subjetivas como sendo os que obtiveram maior média, respectivamente, sendo o fato de possuírem forte relação um determinante dos bons resultados de ambos constructos.

Como forma de mensurar a confiabilidade das respostas do questionário e constructos utilizou-se do Alfa de Cronbach, obteve-se alfa geral de  $\alpha = 0,864$  para o questionário, o que indica que as respostas obtidas no instrumento podem ser consideradas confiáveis. Na Tabela 6 constam os índices de confiabilidade para os constructos pesquisados.

Tabela 6 – Estatística de confiabilidade para os constructos

Dimensões	Itens	Confiabilidade
MA	5	,870
AP	5	,794
NS	5	,759
PC	6	,852
IE	6	,932

Fonte: autoras.

Diante da Tabela 6 observa-se que todos os constructos apresentaram valores maiores que 0,7, inferindo-se que são confiáveis, pois apresentam uma boa consistência interna (MATTHIENSEN, 2011).

## **A relação entre motivação para aprender e intenção empreendedora**

Inicialmente foi realizado o teste de normalidade Shapiro-Wilk, os resultados são apresentados na Tabela 7. Os resultados para o teste de normalidade (Tabela 7) demonstraram que os escores obtiveram significância maior que 0,05, que indicam que a distribuição dos dados é uma distribuição normal (Sig. <0,05).

Tabela 7 – Teste de normalidade Shapiro-Wilk<sup>abc</sup>

Constructos	Estatística	Sig.
AP	,978	,173
NS	,950	,017
PC	,979	,203
IE	,952	,115
MA	,920	,010

<sup>a</sup> Correlação de Significância de Lilliefors.

<sup>b</sup> Exclui-se casos pelo Método Listwise.

<sup>c</sup> gl = 80 para todos os constructos.

Fonte: autoras.

Diante da normalidade dos dados (Tabela 7) realizou-se a relação dos constructos por meio de Correlação de Pearson (Tabela 8) com o objetivo de mensurar a associação entre as dimensões de cada constructo, utilizou-se a análise de correlação que nada mais é que uma medida do grau de relação linear entre duas variáveis.

Tabela 8 – Correlação entre os constructos do QIE e MA

		AP	NS	PC	IE	MA
AP	Correlação de Pearson	1				
	Sig. (bilateral)					
NS	Correlação de Pearson	,032	1			
	Sig. (bilateral)	,775				
PC	Correlação de Pearson	,317**	,039	1		
	Sig. (bilateral)	,004	,728			
IE	Correlação de Pearson	,769**	,059	,363**	1	
	Sig. (bilateral)	,000	,606	,001		
MA	Correlação de Pearson	,159	-,038	,106	,093	1
	Sig. (bilateral)	,160	,739	,351	,414	

\*\* A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Fonte: autoras.

Os resultados obtidos entre a relação dos constructos de motivação para aprender (MA) e intenção empreendedora (IE) não evidenciaram correlações significativas (Tabela 8). As correlações significativas dizem respeito aos constructos do QIE, ao nível de 0,01 para IE e AP (,769), IE e PC (,363) e PC e AP (,317).

Para que se pudesse entender o grau de correlação existente entre os constructos, optou-se por utilizar neste estudo a conversão de Lopes (2016) que é apresentada na Tabela 9. Desta forma, observa-se que os resultados encontrados na Tabela 8 que possuem significância apresentaram correlação positiva. O estudo apresentado por Silva et al. (2019) corrobora com os resultados aqui encontrados, os autores também verificaram correlação significativa nos constructos de IE e AP, IE e PC e PC e AP.

Tabela 9 – Interpretação dos valores do coeficiente de correlação

Valor de r (+ ou -)	Intepretação*
0,00	Nula
0,01 a 0,20	Ínfima fraca
0,21 a 0,40	Fraca
0,41 a 0,60	Moderada
0,61 a 0,80	Forte
0,81 a 0,99	Ínfima forte
1,00	Perfeita

\* a classificação só será válida se o valor da correlação for significativo.

Fonte: Lopes (2016, p. 158).

Destaca-se de forma específica o resultado encontrado por Silva et al. (2019) em IE e AP (,748), semelhante ao verificado na presente pesquisa. De modo geral, percebe-se que a correlação entre os construtos do QIE com a motivação para aprender não foi significativa, não evidenciando relação, positiva ou negativa, para a amostra pesquisada.

## Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre a motivação para aprender e a intenção empreendedora dos estudantes dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM. Na busca de alcançar o objetivo proposto realizou-se uma pesquisa quantitativa, descritiva, de levantamento, com a utilização de questionário para coleta de dados e estatística para a análise. A amostra pesquisada contemplou 80 alunos dos cursos pesquisados. Inicialmente identificou-se o perfil desses alunos, na qual, 75% estão matriculados no Curso Técnico em Contabilidade e, aproximadamente, 51% alunos estavam cursando o terceiro/último semestre. De modo geral, a amostra é composta por alunas, com faixa etária entre 18 e 23 anos de idade, que estudam no turno da noite e que trabalham durante o dia.

Por conseguinte, para que fosse possível o atingimento dos demais objetivos específicos, utilizou-se um questionário baseado nos constructos de Liñán e Chen (2009) e Tho (2017). Para avaliar a motivação para aprendizagem dos alunos dos cursos técnicos pesquisados, segundo objetivo específico, verificou-se que este

constructo apresentou melhor resultado diante dos demais, evidenciando que os alunos dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM estão motivados a aprender. Cabe destacar que este constructo apresentou um desvio-padrão alto, o que significa que não se obteve uniformidade nas respostas dos participantes.

Na sequência mensurou-se a intenção empreendedora dos alunos pesquisados, com base nos constructos do QIE, terceiro objetivo específico. Destacam-se atitudes pessoais e normas subjetivas que obtiveram resultados superiores aos demais, sobressaindo-se normas subjetivas que auferiu maior média. Ajzen (1991) elucida o fato deste constructo representar à influência que o ambiente social exerce sobre o comportamento do indivíduo, sendo as normas subjetivas resultado da pressão social sofrida para que se dote um determinado comportamento, traduzida pela percepção do indivíduo sobre qual o comportamento que os outros, cuja opinião ele valoriza, esperam que ele tenha.

Por fim, buscou-se relacionar os constructos de motivação em aprender e intenção empreendedora dos alunos pesquisados, por meio de correlação, quarto objetivo específico. Nesse sentido, os resultados obtidos entre a relação dos constructos de motivação para aprender (MA) e intenção empreendedora (QIE) não evidenciaram correlações significativas. No entanto, salienta-se a correlação encontrada entre os constructos do QIE, sendo IE e AP, IE e PC e PC e AP que foram significativas e positivas. Diante disso, é possível concluir quanto ao objetivo geral de analisar a relação entre a motivação para aprender e a intenção empreendedora dos estudantes dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM, que neste estudo não se auferiu uma relação significativa, o que pode demonstrar uma lacuna a ser pesquisada.

Os resultados aqui encontrados contribuem para um maior entendimento sobre a intenção empreendedora e motivação para aprender dos alunos dos Cursos Técnicos em Administração e Contabilidade do Colégio Politécnico da UFSM. A pesquisa visa contribuir para melhorias no curso, conscientizando os alunos, a partir do *feedback* dos resultados desta pesquisa e promovendo o empreendedorismo não apenas como uma opção profissional, mas também instigando o desenvolvimento de um comportamento mais empreendedor.

Além dos alunos, este estudo pode apresentar contribuições para os docentes dos cursos pesquisados. Por meio dos resultados elucidados os docentes podem ter conhecimento sobre a intenção empreendedora e a motivação para aprender dos seus alunos, fator que pode desencadear em melhorias junto a forma de ensino-aprendizagem utilizada, além de, fomentar um ensino em prol do empreendedorismo. Este estudo evidencia uma lacuna a ser pesquisada, que se refere a relação entre constructos comportamentais, quais sejam, comportamento empreendedor e motivação para aprender tendo em vista que a presente pesquisa não encontrou relação entre estes dois constructos.

O presente estudo apresenta alguns limitantes. Inicialmente, limitou-se a aplicação de um instrumento, com corte transversal e com escalas de avaliação distintas. Assim como, a aplicação limitou-se em dois cursos técnicos do Colégio Politécnico, em uma instituição de ensino pública. Sugere-se para futuras pesquisas um acompanhamento longitudinal da intenção empreendedora e motivação para aprender desses alunos, bem como a replicação do estudo em outros cursos técnicos e demais instituições públicas e privadas. De modo complementar, sugere-se a adaptação da escala de motivação para aprender, uma vez que se identificou dificuldades na análise dos dados devido a utilização de escalas com diferentes pontos de avaliação.

## Referências

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2001.

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

AQUINO, J. M.; MORAIS, M. Í.; NUNES, E. S.; SOUZA, M. E. L. Profissional contábil: perfil desejável pelas empresas de serviços contábeis no município de Tangará da Serra-MT. **Revista de Ciências Contábeis, RCiC-**



UFMT, v. 10, n. 20, p. 83-100, 2019. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic/article/view/10058>. Acesso em: 07 jun 2020.

ARAUJO, G. F.; DAVEL, E. P. B. Educação empreendedora: avanços e desafios. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, 6(3), 47-68, 2018. <https://doi.org/10.32888/cge.v6i3.12767>

BARAK, M.; WATTED, A.; HAICK, H. Motivation to learn in massive open online courses: Examining aspects of language and social engagement. **Computers & Education**, v. 94, p. 49-60, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2015.11.010>

BECK, F.; RAUSCH, R. B. Fatores que influenciam o processo ensino-aprendizagem na percepção de discentes do curso de ciências contábeis. **Contabilidade Vista & Revista**. v. 25, n. 2, 2014, p. 38-58 Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista/article/view/1727>. Acesso em 05 mai. 2020.

BECKER, J. L. **Estatística básica**: transformando dados em informação. Porto Alegre: Bookman, 2015.

BIRCHLER, E. A.; TEIXEIRA, A. A Intenção Empreendedora de Estudantes e os fatores que a influenciam. **Revista de Negócios**, Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 7-22, 01 abr. 2017. Trimestral. <http://dx.doi.org/10.7867/1980-4431.2017v22n2p7-22>

BRANCHER, I. B.; OLIVEIRA, E. M.; RONCON, A. Comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. **Internext - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 166-193, jan./jun. 2012. <http://dx.doi.org/10.18568/1980-4865.71166-193>

BRANDÃO, C. T. **Ensino técnico e capacitação profissional: um estudo sobre representações sociais no instituto federal do Amapá**. 2017. 86 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração Educação e Gestão no Ensino Agrícola., Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2235>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Data celebra formação como uma porta para o mercado de trabalho**. 2016. Assessoria de Comunicação Social. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/39591-data-celebra-formacao-como-uma-porta-para-o-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Lei n. 11.741**, de 16 de julho de 2008. Altera dispositivos da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.

BRASIL. **Parecer n. 16/99**, de 05 de setembro de 1999. Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Conselho nacional de educação - Câmara de educação básica.

CASTRO, Y. F. M. de. **Motivação para aprender: um estudo com alunos do curso de pedagogia**. 2012. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/740/1/Yaskara%20Fernanda%20Matos%20de%20Castro.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

COLE, M. S.; HARRIS, S. G.; FEILD, H. S. Stages of Learning Motivation: Development and Validation of a Measure 1. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 34, n. 7, p. 1421-1456, 2004. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2004.tb02013.x>

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Bookman, 2005.

DRUCKER, P. F. **Gestão**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

FRIEDLAENDER, G. M. S. **Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento empreendedor**. 2004. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87749>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GHILARDI, W. J. **Micro ou pequena empresa: na dúvida, não abra!** 2011. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11624/276>. Acesso em: 07 jun. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOPALAN, V.; BAKAR, J. A. A.; ZULKIFLI, A. N.; ALWI, A.; MAT, R. C. A review of the motivation theories in learning. In: **AIP Conference Proceedings**. v. 1891, 2017. <https://aip.scitation.org/doi/10.1063/1.5005376>.

HECKE, A. P. **A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR**. 2011. 83 p. Dissertação-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25849>. Acesso em: 08 fev. 2020.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD. **Empreendedorismo**. 7 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

JULIATTO, M. A. **Identificação e análise das competências empreendedoras dos cursos técnicos: CEFET/SC – unidade de ensino de Florianópolis**. 2005. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102725>. Acesso em: 12 abr. 2020.

KRÜGER, C. **Modelo de mensuração do comportamento empreendedor a partir de características comportamentais e intenção empreendedora**. 2019. 171 f. Tese (Doutorado em Administração), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

KRÜGER, C.; MACIEL, J. S.; MINELLO, I. F.; COLETTTO, C. O Comportamento Empreendedor no Ensino Profissional e Tecnológico. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 13, n. 44, p. 601-619, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile /1619/2411>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. W. **Entrepreneurship Theory and Practice**. Baylor: University, 2009.

LIÑÁN, F.; RODRÍGUEZ-COHARD, J. C.; RUEDA-CANTUCHE, J. M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **International entrepreneurship and management Journal**, v. 7, n. 2, p. 195-218, 2011. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0154-z>

LOPES, J. **Fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. 2 ed. Pernambuco: Editora Universitária UFPE, 2016.

LORENTZ, M. H. do N. **O comportamento empreendedor de diretores da UFSM e sua percepção quanto à universidade empreendedora**. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão de Organizações Públicas, Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/4737/LORENTZ%2C%20MARCIA%20HELENA%20DO%20NASCIMENTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jun. 2020.

LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A de. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciências & Cognição**, v. 15, n. 2, p. 132-141, 2010. Disponível em: <https://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/313>. Acesso em: 07 out. 2019.

MATTHIENSEN, A. Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. **EMBRAPA**. Boa Vista, RR, 2011. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/68073/1/DOC-48-2011-ID-112.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. A. A. dos et al. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 15, p. 283-290, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v15n2/v15n2a10.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

SANTOS, A. M. F.; DA SILVA, B. M. L.; LOPES, A. D. O. B. Educação empreendedora: um estudo de caso no nordeste do Brasil. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 5, n. 2, p. 67-83, 2017. <https://doi.org/10.32888/cge.v5i2.12713>

SCHAEFER, R. **Empreender como uma forma de ser, saber e fazer**: o desenvolvimento da mentalidade e do comportamento empreendedores por meio da educação empreendedora. Tese de doutorado (doutorado em Administração). UFSM, Santa Maria, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16023>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SILVA, D. R.; BRANDÃO, M. L.; MENDONÇA, F. M.; DICK, J. L. A atuação do egresso do curso técnico em administração no mercado de trabalho. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 18, p. 6-17, 2020. <http://dx.doi.org/10.15628/rbept.2020.6394>

SILVA, L. P. Formação profissional no Brasil: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. **História (São Paulo)**, v. 29, n. 1, p. 394-417, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100022>

SILVA, L. M. da; KRÜGER, C.; MINELLO, I. F.; GHILARDI, W. J. Empregado ou Empresário? A Intenção Empreendedora de Alunos de Graduação em Ciências Contábeis. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antônio Meneghetti**, v. 9, p. 77 - 109, 2019. <https://doi.org/10.18815/sh.2019v9n14.355>.

SLAVIN, R. E. Developmental and motivational perspectives on cooperative learning: a reconciliation. **Child Development**. v. 58, n. 5, p. 1161-1167, out. 1987. <https://doi.org/10.2307/1130612>

SOUZA, R. dos S. **Intenção Empreendedora: Validação De Modelo Em Universidades Federais De Mato Grosso Do Sul, Brasil**. São Paulo, 2015. Tese (Doutorado em Administração) – Pós-Graduação em Administração, Universidade Nove de Julho, 2015.

THO, N. D. Knowledge transfer from business schools to business organizations: the roles absorptive capacity, learning motivation, acquired knowledge and job autonomy. **Journal of Knowledge Management**, v. 21, n. 5, p. 1240-1253, 2017. <https://doi.org/10.1108/JKM-08-2016-0349>

THOMPSON, E. R. Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 669-694, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1540-6520.2009.00321.x>. Acesso em: 07 jun. 2020.

VIANA, D. S.; NOGUEIRA, M. V.; PETROLA, S.; VIANNA, K.; GONÇALVES, E. A contribuição da disciplina empreendedorismo para o desenvolvimento dos alunos do ensino médio integrado ao técnico, sob a percepção dos estudantes. **Revista de Administração e Contabilidade - RAC**, [S.l.], v. 4, n. 7, jun. 2017. ISSN 2358-1948. Disponível em: <https://revistasfap.com/ojs3/index.php/rac/article/view/48>. Acesso em: 12 abr. 2020.